



# O IMPACTO ECONÔMICO DAS POLÍTICAS DE ISOLAMENTO SOCIAL FRENTE À PANDEMIA DA COVID-19: ACOMPANHAMENTO E RESENHA DA PRODUÇÃO ACADÊMICA

**Palavras-Chave:** Pandemia, Recessão, Isolamento social

**Autores/as:**

**Lorena Salces Dourado [UNICAMP]**

**Prof. Dr. Pedro Paulo Zahluth Bastos (orientador) [UNICAMP]**

---

## INTRODUÇÃO:

A eclosão da pandemia de Covid-19 é provavelmente a crise de saúde pública mais grave desde a chamada Gripe Espanhola em 1918. O vírus Sars-Cov-2 desafia as autoridades de saúde e a comunidade científica de todo o mundo a produzirem e implementarem respostas para o seu combate, em uma velocidade sem precedentes.

Além do impacto na saúde pública e as mortes precoces, a pandemia pode ter consequências duradouras em várias dimensões da vida social, ao incitar debates sobre a natureza pública ou privada dos sistemas de saúde e sua forma de financiamento, assim como sobre a rede de proteção social; ao acelerar mudanças nas formas de trabalho, ensino e reunião de grupos; aprofundar a desigualdade e, ao mesmo tempo, estimular novos movimentos sociais de questionamento de suas causas e efeitos, e até mesmo manchar a reputação de líderes que questionam cientistas especialistas em temas de saúde e mudança climática, entre outros.

Desde o primeiro caso reportado, dia 31 de dezembro de 2019, em Wuhan, República Popular da China, o vírus tem se propagado em pelo menos 219 países e territórios, de modo a exigir uma resposta apressada dos governantes e policy makers. Medidas sanitárias de diferentes graus foram sendo tomadas, com maior ou menor prontidão, começando pela China, que decretou o chamado lockdown (confinamento total) na região de Wuhan, espalhando-se por outras regiões, com políticas de isolamento social de intensidade variável.

Tendo experimentado os efeitos da epidemia de Sars em 2003, da gripe aviária em 2005 e da H1N1 em 2009, outros países da Ásia e da Oceania seguiram o exemplo chinês e decretaram iniciativas de isolamento social de diferente amplitude. No Ocidente, contudo, nem todos tiveram uma reação rápida e precisa. A subestimação dos riscos da covid-19, a carência de infraestrutura de testagem e detecção da doença, o temor de uma recessão e a prioridade conferida à economia

levaram empresários e governantes de alguns países a postergarem a decretação de iniciativas de isolamento social e, quando inevitável, mitigar sua profundidade e duração.

À medida que o Covid-19 se espalha pelo mundo, fica claro que ele tem o potencial de inviabilizar a economia mundial: seu impacto econômico assemelha-se a uma parada súbita. No cenário-base, o Fundo Monetário Internacional (IMF, 2021) tem como projeção um crescimento mundial negativo de -3,5% e, para o caso brasileiro, de -4,5%. Já a relação dívida/PIB deve crescer mais de 15 p.p. em 2020 (IMF, 2020a), chegando a 98,7%, estressando os conflitos a respeito de como “pagar a conta” que já marcaram a conjuntura posterior à crise financeira global de 2008, com credores demandando cortes de gastos, grupos de cidadãos exigindo elevação de impostos para faixas de contribuintes de maior renda. A Organização Internacional do Trabalho (ILO, 2021) estimou a perda de 114 milhões de empregos, além de uma diminuição do equivalente a US \$3.7 trilhões em renda do trabalho (4,4% do PIB mundial de 2019). Nos Estados Unidos, empregos gerados em uma década foram perdidos apenas no mês de abril<sup>1</sup>. No mundo, o grande número de falências, particularmente nos ramos de turismo, entretenimento, hotelaria, aviação, petróleo, restaurantes e bares (IMF, 2020b), assim como de companhias altamente alavancadas, pode agravar o problema das finanças públicas e até colocar em questão a estabilidade do sistema financeiro (NIKIFOROS, 2020). A queda do preço das commodities e a escassez de financiamento já agravaram dramaticamente problemas de rolagem da dívida externa em alguns países (Argentina, Equador e Líbano) e deve fazê-lo em vários outros (IIF, 2020).

Diante deste cenário econômico desfavorável, a hipótese de trade-off entre políticas de isolamento social e crescimento econômico se torna tema central do debate político internacional e nacional, suscitando um novo campo de investigação. Assim, o objeto desta pesquisa é acompanhar a produção acadêmica a respeito da interação entre iniciativas de contenção da pandemia através do isolamento social e a contração do nível de atividade econômica.

## **LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO:**

### *Impacto econômico internacional da pandemia*

De particular interesse para economistas é a interação entre iniciativas de contenção da pandemia através do isolamento social e a contração do nível de atividade econômica. Tema central do debate político internacional e nacional, a questão vem atraindo atenção de um número crescente de pesquisadores, abrindo rapidamente um campo de pesquisa novo.

Há indícios de que a percepção dos prejuízos econômicos da epidemia aumentou quando a China decidiu decretar lockdown na região de Wuhan e, em outras regiões, políticas de isolamento social com intensidade variável. Gradualmente, ficaria claro que a economia chinesa poderia experimentar uma recessão provocada por restrições de oferta, com impacto sobre as cadeias

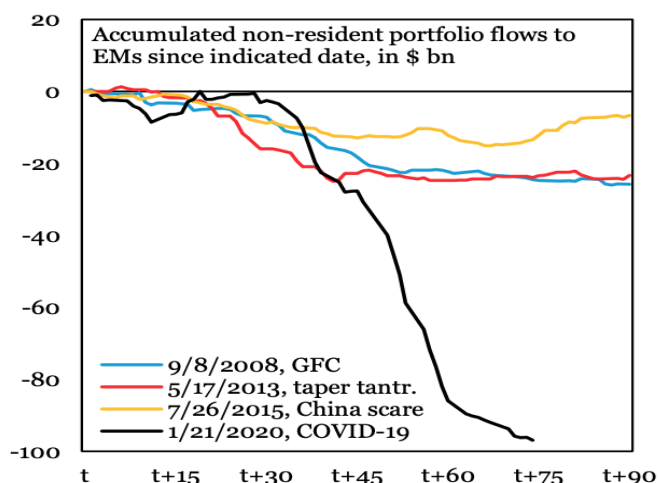
---

<sup>1</sup> <https://g1.globo.com/economia/noticia/2020/05/08/eua-perdem-205-milhoes-de-postos-de-trabalho-em-abril-e-desemprego-vai-a-147percent.ghtml>

industriais globais e sobre a demanda de commodities. Mais tarde, se confirmou que, entre janeiro e março, o país teve o primeiro trimestre de recessão desde 1992.

Sob este prisma, é essencial buscar uma maior compreensão do impacto econômico internacional da pandemia e seus canais de transmissão, partindo da China ao mundo. A dinâmica do comércio internacional foi contaminada pelo lockdown chinês antes mesmo do contágio mundial maciço do vírus (BASTOS et al, 2020). Os efeitos na economia já estavam sendo sentidos mundialmente por conta dos canais de transmissão internacionais: de oferta, de demanda e de confiança (BOONE et al, 2020). Do lado da oferta, a crise pode ser vista através de disrupções significativas nas cadeias globais de valor, no fechamento de fábricas, nos cortes em muitas atividades do setor de serviços e também na forte contração dos fluxos financeiros internacionais aos países emergentes, fenômeno cunhado como sudden stop (IIF, 2020). A fuga para a liquidez e a aversão ao risco resultaram na maior contração de crédito e fluxos financeiros aos países emergentes, como pode ser observado no gráfico abaixo.

**Gráfico 1** - Fluxos de portfólio acumulados, de não residentes, em direção aos países emergentes, em bilhões de dólares



Fonte: IIF (2020).

A particularidade do impacto econômico da pandemia em relação a outras crises globais reside no fato de ter afetado primeiro o coração industrial do mundo: o Leste Asiático. Baldwin, R., & Tomiura, E. (2020) mostram que a China tem papel central nas cadeias globais de valor como fornecedora de bens intermediários e insumos industriais. Assim, o efeito dos choques de oferta desses países foi amplificado pelas cadeias de suprimentos globais, afetando profundamente o comércio internacional, de forma a repercutir nos níveis de confiança de empresas e consumidores.

Analisando a Coronacrise pelo lado da confiança, o papel da incerteza sobre agentes econômicos, tanto no consumo das famílias como no investimento produtivo, pôde ser verificado na contração dos gastos dos consumidores por motivos precaucionais e/ou desemprego, aliada a expectativas negativas dos empresários sobre a demanda esperada e oferta de insumos e bens intermediários (GUPTA et al., 2020).

Andersen et al. (2020) discorrem sobre o comportamento do consumo frente à pandemia de Covid-19, através de dados de transações bancárias feitas com cartão de crédito de clientes do maior banco da Dinamarca, a fim de estimar as respostas dos consumidores à pandemia COVID-19 e ao desligamento parcial da economia. Eles apontam que os gastos agregados com cartão caíram drasticamente em cerca de 25% durante o período analisado.

A pandemia pode afetar a demanda diretamente devido ao risco para a saúde de circular em espaços públicos como lojas, restaurantes e cabeleireiros, impedindo o consumo. Tal dinâmica pode levar a uma recessão que persista por muito tempo depois do fim da pandemia e da suspensão das restrições e lockdowns.

Se os consumidores responderem a demissões em massa, preços de ativos em queda e uma perspectiva financeira incerta reduzindo o consumo privado, a epidemia pode marcar o início de um colapso econômico impulsionado pela demanda (ANDERSEN et al, 2020, p. 93, tradução nossa).

Em suma, é uma crise multidimensional, com um entrelaçamento muito peculiar com a economia real, mas também financeira, caracterizada por choques de demanda e de oferta; de dimensão doméstica, interna às economias nacionais e global, transmitida internacionalmente.

#### *Existe trade-off entre isolamento social e crescimento econômico?*

É evidente que políticas de lockdown envolvem custos econômicos de curto prazo. O principal relatório realizado pelo FMI, World Economic Outlook (IMF, 2020b), busca dissecar a natureza da crise econômica dos primeiros meses da pandemia e compreender melhor o trade-off entre políticas de isolamento social e atividade econômica. Através de indicadores de mobilidade de alta frequência, o estudo conclui que a adoção de lockdowns foi um fator importante para explicar a recessão, mas o distanciamento social voluntário, em resposta ao aumento das infecções, também contribuiu substancialmente para a contração econômica.

Não obstante, a redução nas interações sociais pelo medo de contrair o Covid também teve um papel comparável na condução da recessão. Os dois fatores atuaram conjuntamente, com maior ou menor grau a depender do país. Nas economias avançadas, devido à infraestrutura e ao aparato governamental, a transição para o trabalho remoto se deu com mais facilidade, de forma que o peso do distanciamento voluntário na redução da mobilidade foi maior. Ao olhar para a trajetória de recuperação adiante, a importância do distanciamento social voluntário como fator que contribuiu para a desaceleração sugere que a suspensão das políticas de isolamento, por si só, dificilmente fará com que a atividade econômica reganhe tração. Se os riscos à saúde persistirem, as economias tendem a continuar operando abaixo de seu potencial (IMF, 2020b).

No entanto, o relatório explica que, apesar dos custos econômicos de curto prazo das medidas de isolamento social, tais políticas se mostraram substancialmente eficazes na redução

das infecções. E, quanto mais cedo e mais rígida a resposta governamental ao impor as restrições, mais efetivo o combate ao vírus.

## CONCLUSÕES:

Há uma narrativa frequente que retrata os bloqueios como uma troca entre salvar vidas e apoiar a economia. O IMF (2020b) explica que essa caracterização negligencia o ponto de que, apesar de impor custos econômicos de curto prazo, os bloqueios podem levar a uma recuperação econômica mais rápida ao conter o vírus e reduzindo o distanciamento social voluntário.

A comprovada eficácia das políticas de lockdown na redução no número de casos de Covid pode, assim, abrir caminho para uma recuperação econômica mais rápida. Não há disjuntiva, portanto, no médio prazo, entre políticas de isolamento social e atividade econômica. Políticas de isolamento social podem incorrer em custos econômicos de curto prazo, mas, no médio prazo, abrem caminho para uma retomada mais sustentada e acelerada, levando a efeitos gerais positivos sobre a economia.

---

## BIBLIOGRAFIA

Andersen, A. L., Hansen, E. T., Johannesen, N., & Sheridan, A. (2020). **Consumer Responses to the COVID19 Crisis: Evidence from Bank Account Transaction Data.** Covid Economics, 7, 88-111.

Baldwin, R., & Tomiura, E. (2020). **Thinking ahead about the trade impact of COVID-19.** Economics in the Time of COVID-19, 59.

BASTOS, P. P. Z; GOMES-JR, L. C.; DOURADO, L. S.; PETRINI, G.; ROBILLOTI, P.; IBARRA, A (2020). **O impacto econômico da pandemia do Covid-19 e a contração do PIB no primeiro trimestre de 2020: não é culpa da política de saúde pública 2020.** Centro de Estudos de Conjuntura e Política Econômica - IE/UNICAMP.

Boone, L., Haugh, D., Pain, N., & Salins, V. (2020). **Tackling the fallout from COVID-19.** Economics in the Time of COVID-19, 37.

Gupta, S., Nguyen, T. D., Rojas, F. L., Raman, S., Lee, B., Bento, A., & Wing, C. (2020). **Tracking public and private response to the covid-19 epidemic: Evidence from state and local government actions (No. w27027).** National Bureau of Economic Research.

ILO Monitor. **COVID-19 and the world of work (2021).** Seventh edition. Geneva: ILO.  
Institute of International Finance - IIF (2020). Macro Notes – Capital Flows Outlook for Emerging Markets. Disponível em: [https://www.iif.com/Portals/0/Files/content/2\\_IIF2020\\_April\\_CFR.pdf](https://www.iif.com/Portals/0/Files/content/2_IIF2020_April_CFR.pdf)

International Monetary Fund (IMF). **Fiscal Monitor: Policies for the Recovery.** Washington, October, 2020a.

International Monetary Fund (IMF). **World Economic Outlook Update.** Washington, DC, January, 2021.

International Monetary Fund (IMF). **World Economic Outlook: A Long and Difficult Ascent.** Washington, DC, October, 2020b.

NIKIFOROS, M. (2020). **When Two Minskyan Processes Meet a Large Shock: The Economic Implications of the Pandemic.** Levy Economics Institute.